



DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v11i2.291>

## “OS VEGAN’S VÃO DOMINAR O MUNDO!”: reflexões escolares sobre o fazer científico pacifista

### “VEGAN’S WILL DOMINATE THE WORLD!”: school reflections on pacifist science practice

Jander Fernandes Martins<sup>1</sup>  
Vitoria Duarte Wingert<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto é fruto de uma pesquisa realizada com uma turma de 4º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, no ano de 2022, abordando o tema "Relação Humano-Animal na Ciência". A pergunta-problema que norteou a pesquisa foi: A partir da perspectiva dos estudos da relação humano-animal, é possível fazer ciência de forma pacífica? Metodologicamente, realizou-se leituras orientadas com os alunos e a aplicação de questionários. Como resultado, em relação ao uso de animais na ciência, identificou-se o pensar e agir da comunidade escolar sobre os benefícios e malefícios dessa prática, a viabilidade ou não de abolir o experimento animal, e, por fim, a elaboração de reflexões e posicionamentos baseados em evidências científicas sobre a possibilidade ou não de realizar um fazer científico pacifista, sem a necessidade de causar dor ou maltratar seres vivos.

**Palavras-chave:** Antropologia da relação humano-animal. Cultura. Escola. Feira de Ciências. Trabalho didático.

**Abstract:** This text is the result of research carried out with a 4th year class at a Municipal Elementary School, in the year 2022, addressing the theme "Human-Animal Relationship in Science". The problem question that guided the research was: from the perspective of human-animal relationship studies, is it possible to do science peacefully? Methodologically, guided readings were carried out with students, and questionnaires were administered. As a result, about the use of animals in science, the thinking and actions of the school community were identified regarding the benefits and harms of this practice, the feasibility or not of abolishing animal experiments, and, finally, the elaboration of reflections and positions, based on scientific evidence on the possibility or not of carrying out a pacifist scientific.

<sup>1</sup> Doutor em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE), Pedagogo (UFSM), professor concursado em Campo Bom/RS. E-mail: [martinsjander@yahoo.com.br](mailto:martinsjander@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE). Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (FEEVALE), licenciada em História (FEEVALE). Professora concursado em Campo Bom/RS. E-mail: [vitoriawingert@hotmail.com](mailto:vitoriawingert@hotmail.com)

activity, without the need to cause pain or mistreat living beings.

**Keywords:** Anthropology of human-animal relationships. Culture. School. Science fair. Didactic work.

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos relacionais mais importantes ocorridos ao longo d’A *Escalada Humana*, parafraseando Jacob Bronowski, sem dúvidas foi e é a estabelecida entre “humanos e animais”. Relação esta que contribuiu de modo significativo nos degraus da ascensão biopsicocultural do homem. Porém, essa contribuição não se deu apenas por um viés romântico e harmonioso; poderíamos dizer que, na longa trajetória histórica do desenvolvimento biológico e cultural, as relações entre humanos e animais, ora pautadas em medo e/ou repugnância, ora em vínculos de respeito, afeição e companheirismo, caracterizaram-se sempre por finalidades prático-utilitaristas (Martins; Wingert; Rambo, 2020).

Desde a alvorada da humanidade, os animais motivaram o homem a pensar sobre sua própria origem e natureza. Não por acaso, na tradição cultural ocidental de vertente judaico-cristã, é na relação humano-animal que se dá “a queda do Paraíso”. E é também nesta relação que, em dada cultura oriental, o homem ascende-se aos planos das divindades celestiais e é alimentado por vacas brancas celestiais. Além disso, há narrativas heroicas nas quais humanos são criados por animais (caso exemplar de Rômulo e Remo) (Martins; Wingert; Rambo, 2020).

Levando em consideração essas reflexões que perpassam naturezas distintas de se pensar o homem no cosmos, surgiu o presente trabalho. Pensando na contemporaneidade em seus processos e manifestações culturais, na esteira da relação entre humanos e animais, propomos a pesquisa de um fragmento dessa

relação mais ampla, que é a questão da relação humano – animal na ciência (In-gold, 1994).

O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada com uma turma de 4º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no ano de 2022, com o tema a “relação Humano-Animal na Ciência”. Buscou-se responder à seguinte pergunta-problema: A partir da perspectiva dos estudos da relação humano-animal, é possível fazer ciência pacífica? Metodologicamente, realizaram-se leituras orientadas com os alunos e aplicação de questionários.

Se, por um lado, o contexto e a necessidade dos estudantes envolvidos, pois concretamente, a motivação se dá no fato de se tornar prática discursiva comum na sala de aula, frases: “Oi, vegan!”, “Seu vegan! Comedor de brócolis!”, ou ainda, “os vegan vão dominar o mundo!”. Tais falas, fruto do contexto característico do ocidente contemporâneo, reverberaram na sala de aula da turma 42 devido ao fato de um dos sujeitos inseridos neste ambiente não “consumir carne”. Tal fato gerou indagações e exaltações de um imaginário cultural ocidental que, há mais de três décadas, eclodiu no ocidente e que vislumbra sua materialização por discursos de crianças com idade entre 9-10 anos das formas mais variadas, sedimentando um imaginário humano-animal que acompanha a “escalada do homem” desde sua alvorada. Aliada a esse fator e contexto, um dos projetos de aprendizagem da turma envolve o cultivo e cuidado de plantas em sala de aula, na forma de “espaço verde”, onde cada aluno foi/é previsto que tenha uma planta para realizar os cuidados. Assim, aliando uma particularidade curiosa da turma com um

anseio humano.

Por outro lado, os estudos que tratam da questão da animalidade na vida humana, acirrou-se nas últimas décadas. Nesse sentido, temos, por exemplo, estudos que demonstram que, historicamente, a relação humana com os animais tem se pautado em princípios prático-utilitaristas, ou seja, animal “bom para comer” (bovinos, suínos, aves, pescados), enquanto mercadoria (cabras, bovinos, aves exóticas), ou ainda como extensão humana para a realização de atividades de grande esforço (tração animal de equinos, muares), além de símbolos (religiosos, marciais, mitológicos). Mais recentemente, vem-se legitimando estudos sobre o “bem-estar animal” (Descola, 1998; Froehlich, 2015; Pastori; Matos, 2015).

Recentemente<sup>3</sup>, vem se legitimando estudos sobre a interação “Multiespécies” (Haraway, 2008), ou seja, a relação entre humanos e animais em suas múltiplas facetas. Isso inclui o antropocentrismo” e “pós-humanismo” (Lewgoy; Segata, 2017), os animais como pets e a questão da moralidade (Kulick, 2009; Pastori; Matos, 2015), a discussão sobre “bem-estar animal” (Froehlich, 2015), a domesticação animal (Digard, 2012), os animais na ciência (Haraway, 2011), no plano jurídico (Bevilaqua; Velden, 2016), na moralidade (Lewgoy; Sordi; Pinto, 2015) e no bem-estar animal (Descola, 1998; Froehlich, 2015; Pastori; Matos, 2015). Além disso, há a consideração da questão das práticas sacrificiais de animais em religiões (Gomes, 2017).

Como se vê, as questões relacionadas, em última instância, sobre o “bem-estar animal”, demonstram-se no mundo da ciência algo efetivamente

necessário de ser levantado, problematizado, compartilhado perspectivas e engajadas alternativas para se pensar um novo espírito científico, no qual a viabilidade (ou não) do uso de animais em experimentos científicos seja pauta central.

Dando continuidade à argumentação tecida até aqui, lançam-se fragmentos extraídos do documento *Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia* (2012):

[...] A Etologia descreve e analisa o comportamento, que é um dos recursos de adaptação desenvolvidos pelos animais em resposta aos desafios do ambiente [...]” em **Comportamento animal: uma visão geral** (Gonçalves; Andrade, 2012). Ou ainda, “[...] reduzir o número, refinar metodologias e desenvolver alternativas para o uso de animais no ensino e na pesquisa é uma forte tendência mundial[...]” em **Utilização de animais no ensino e na pesquisa em** (Molano, 2012). Também, há, “[...] ao longo da História, não apenas as técnicas evoluíram, mas também a referência ética que norteia o procedimento de vivissecção no ensino da Veterinária [...]” em **A vivissecção e o uso de animais no ensino** (Faleiros; Jordão, 2012). No contexto do cenário geral brasileiro, “[...] O que diz a Lei 11.794, de 2008, a “Lei Arouca”, sobre o uso de animais na experimentação científica? [...]” em **Experimentação Animal no Brasil: análise crítica da legislação pertinente** (Mendes; Faleiros, 2012) e por fim, para citar só mais um caso de contexto brasileiro, temos “[...] O custo da adoção de boas práticas para o Bem-estar de animais de produção se reflete no aumento da produtividade e da qualidade dos produtos [...]” em **Bem-estar Animal e o mercado** (Moreira, 2012).

<sup>3</sup> À título de lembrança, a questão do “especismo” surge na década de 1970 com grupo de filósofos da Universidade de Oxford, onde Richard Ryder cunha e lança essa terminologia, a qual será utilizada na famosa obra de Paul Singer “Libertação Animal” (1975), lançada na mesma década e que, serviu de divisor de águas na questão de movimentos de “direitos animais”.

Enquanto isso, no cenário mais amplo da cultura humana, as discussões sobre humanos e animais permitiram colocar em discussão algumas instâncias até então pouco discutidas/debatidas nas discussões antropológicas mais tradicionais, como o antropocentrismo” e “pós-humanismo” (Lewgoy; Segata, 2017), os animais como *pets* e a questão da moralidade (Kulick, 2009; Pastori; Matos, 2015), a discussão sobre “bem-estar animal” (Froehlich, 2015), a domesticação animal (Digard, 2012), os animais na ciência (Haraway, 2011), no plano jurídico (Bevilaqua; Velden, 2016; Sordi, 2011) e na moralidade (Lewgoy; Sordi; Pinto, 2015) e ética animal (Naconecy, 2006).

Ou seja, para Martins e Wingert (2018)

[...] uma representação das mudanças culturais ocorridas nas últimas duas décadas em escala global na esfera privada familiar, na qual animais vem se tornando membros efetivos e afetivos das famílias humanas, por meio de fenômenos denominados, por antropólogos iminentes, de “filhotização, petshismo”. (Digard, 1999; Ingold, 2000). [...] as relações envolvem “emoção e empatia” (Kulick, 2009) entre humanos e animais tem se intensificado nessas últimas décadas, como reflexo da condição “pós-humanista” como resposta à “tese da exceção humana” (Lewgoy; Segata, 2017).

Dito isso, cabe indagar: seria um campo profícuo para análise os estudos sobre uma ciência pacifista, na qual se abole o uso e experimentos em animais?

Esta questão, complexa e profunda, faz parte das temáticas nos centros de pesquisas e estudos de ponta, conforme afirmam Haraway (2011), Kohler (2015) e Souza (2013). Porém, o interessante é evidenciar que crianças em idade escolar, devido ao contexto e acesso informativo digital disponível nesta

época, refletem em caráter de senso comum sobre questões essenciais da dinâmica sociocultural humana contemporânea.

Não seriam esses casos exemplos materiais do que a filósofa Donna Haraway (2011) chama de “espelho animal” onde se define os animais tomando como reflexo de qualidades, características etc., os atributos humanos? (Wingert; Martins, 2018).

Essa nova configuração familiar interespecies mobiliza-nos a refletir sobre as relações de parentesco (Levi-Strauss, 2012; Levi-Strauss; Gouch; Spiro, 1980). De acordo com estudos realizados por Andreia Osório (2011; 2016), mostram que os “animais de estimação e de companhia” têm sofrido um processo de “desanimalização” ao mesmo tempo que são sujeitados a outro processo, o de “humanização”.

Esse processo tem resultado em um fenômeno no qual animais têm assumido o lugar de “filhos” nas famílias. Unidades sociais essas que já não se pautam mais em dualidade sexual, divisão sexual do trabalho e nem em casamento. Essas novas “famílias interespecies” são hoje compostas por humanos de um lado e animais de outro. Assim, as antigas noções de casamento, família e parentesco se pautavam em uma relação humano-humano; hoje ela se estende a humano-animais.

Essa mudança de estruturas, para esses autores supracitados, é fruto da superação das ideias centradas na tese da exceção humana, do antropocentrismo que preconiza o homem como o único ser dotado de linguagem, cultura, símbolo, pensamento e sentimento. Essas noções estão sendo superadas por um modo de relação pautado em humano-animal que extrapolam aquelas de “animais bons para pensar e bons para comer”, para “animais bons para se viver juntos” (Douglas, [1991]; Haraway, 2011; Leach, 2000).

Assim, parece que nesse processo, os animais, ao estarem sendo humanizados por se acreditar terem características humanas, em particular no que se refere às relações de parentesco. Nesse sentido, esses animais acabam sendo descritos como “filhos, bebês”. Antropologicamente, essa relação deve ser entendida, primeiramente, sob a égide do “Totemismo” (Levi-Strauss, 1975), pois envolve uma relação simbólica entre humanos e animais, sob parentesco e comestibilidade. No entanto, quanto aos animais que tomamos por parentes, comumente, são aqueles que não comemos ou não queremos comer. Logo, “animais de estimação”, enquanto membros familiares, são descritos como uma categoria ambígua entre humano e animal, ou seja, cães e gatos, por exemplo, transitam entre ambos. (Leach, 1983) Desse modo, todo animal que se encontra nessa posição de ambiguidade é um “animal sagrado e sobrenatural”, ou seja, um “animal tabu” e, nessa categoria, também faz parte questões alimentares. Daí na cultura ocidental, não se comer gatos e nem cachorros já que eles são tidos como extensão da humanidade. O que configura um exemplo concreto do que estudou Osório (2016), quando esta menciona ocorrer entre humanos e outros animais um processo de “humanização do animal”, imprimindo, em contrapartida, um processo de “desanimalização” deste ser senciente.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Metodologicamente, foram realizadas “leituras de textos técnicos” os quais foram adaptados pelo orientador sobre a temática. Além disso, a turma

sistematizou e seguiu um roteiro de exploração, nos moldes da chamada “revisão integrativa e sistemática” (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014), que sugere a realização de varreduras em bancos de dados (banco de teses, dissertações, projetos de iniciação científica, periódicos...) (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Portanto, no processo de aprendizagem pré-científica, os autores elencaram, com a turma, algumas palavras-chaves, a saber: bem-estar animal, ética animal, uso de animais na ciência, experimentação animal, especismo/multiespécie.

A partir das palavras-chaves, foram realizadas “pesquisas exploratórias” (Gil, 2009) em bancos de informação web, como Google comum, Google acadêmico, Google imagens, Google livros, e Youtube. Livros/periódicos especializados foram organizados e trazidos pelo professor.

Nesse processo, seguiu-se um roteiro pré-estabelecido, o qual tomou como premissa a feira de ciências como estratégia de ensino e introdução à pesquisa metódica, a saber: exploração nas plataformas a partir de cada palavra-chave; seleção do material considerado pertinente ao tema; cópia e cola do material em um arquivo de documento; nomeação e salvamento do arquivo; solicitação de versão impressa na secretaria da escola para estudo e debate em sala de aula posteriormente. Assim, em seu conjunto, permitem caracterizar os limites e as possibilidades de ações que objetivam introduzir a pesquisa na escola básica (Martins; Wingert, 2021).

Veja-se:

Figura 1 - Diversas etapas de iniciação ao tema pesquisado



Fonte: arquivo pessoal dos autores

A partir da introdução dos temas via fragmentos textuais, elaborou-se “questionário” com a consequente aplicação do mesmo à comunidade escolar. Conforme os *feedbacks* eram

recebidos, as crianças pequenas foram envolvidas na criação e sistematização da “Tabulação dos dados obtidos dos participantes” (funcionários da escola e famílias dos pesquisadores).

Quadro 1 - Questionário feira de ciências

(continua)

**NOME:** \_\_\_\_\_

1. VOCÊ POSSUI ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO? QUAL/QUAIS? \_\_\_\_\_
2. PARA VOCÊ ANIMAIS POSSUEM INTELIGÊNCIA? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
3. PARA VOCÊ, ANIMAIS POSSUEM SENTIMENTOS? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
4. PARA VOCÊ, ANIMAIS POSSUEM ALMA? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
5. PARA VOCÊ, ANIMAIS SENTEM DOR, MEDO? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
6. VOCÊ SABIA QUE MUITOS PRODUTOS QUE USAMOS SÃO TESTADOS EM ANIMAIS, ANTES? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
7. POR QUÊ USAM ANIMAIS NA CIÊNCIA? ( ) **APENAS PARA TESTE** ( ) **MELHORAR A VIDA HUMANA** ( ) **MELHORAR A VIDA ANIMAL**
8. VOCÊ IMAGINA QUE TIPO DE ANIMAIS SÃO USADOS EM EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS? ( ) **SIM, CITE UM:** \_\_\_\_\_ ( ) **NÃO CONHEÇO**
9. VOCÊ É A FAVOR OU CONTRA O USO DE ANIMAIS EM EXPERIÊNCIAS? ( ) **À FAVOR** ( ) **CONTRA**
10. VOCÊ SABE OU JÁ OUVIU FALAR SOBRE ESPECISMO E/OU MULTIESPÉCIE? ( ) **NÃO** ( ) **SIM, O QUE É PRA VOCÊ?** \_\_\_\_\_

Quadro 1 - Questionário feira de ciências

(conclusão)

11. POR QUÊ VOCÊ COME CARNE, MAS AMA CACHORRO E GATO? POR QUÊ SE AMA CACHORROS, COME FRANGO E USA COURO DE VACA? ( ) **NUNCA PENSEI SOBRE ISSO** ( ) **PARA MIM, É INDIFERENTE** ( ) **ME PREOCUPO COM OS ANIMAIS DOMÉSTICOS** ( ) **NÃO COSTUMO**
12. É POSSÍVEL SUBSTITUIR ANIMAIS EM EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
13. É POSSÍVEL UTILIZAR QUE TIPO DE SERES PARA SUBSTITUIR OS ANIMAIS EXPERIMENTOS CIENTÍFICOS? ( ) **INSETOS** ( ) **FUNGOS** ( ) **ALGAS**
14. VOCÊ ACHA POSSÍVEL E EFICAZ UTILIZAR ROBÔS E OUTRAS TECNOLOGIAS PARA SUBSTITUIR O USO DE ANIMAIS EM EXPERIÊNCIAS? ( ) **SIM** ( ) **NÃO**
15. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL? ( ) **NÃO** ( ) **SIM, EM POUCAS PALAVRAS O QUE É PRA VOCÊ?** \_\_\_\_\_
16. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE ÉTICA ANIMAL? ( ) **NÃO** ( ) **SIM, EM POUCAS PALAVRAS O QUE É PRA VOCÊ?** \_\_\_\_\_
17. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE EM CIÊNCIA PACÍFICA? ( ) **NÃO** ( ) **SIM, EM POUCAS PALAVRAS O QUE É PRA VOCÊ?** \_\_\_\_\_
18. É POSSÍVEL FAZER CIÊNCIA SEM MORTE ANIMAL? ( ) **NÃO** ( ) **SIM**
19. AO CONSUMIR PRODUTOS DIVERSOS, VOCÊ REPARA, CUIDA E/OU ESCOLHE PRODUTOS QUE NÃO SÃO ORIGINADOS DE EXPERIÊNCIA ANIMAL? ( ) **NÃO REPARO** ( ) **SIM, SEMPRE CUIDO.** ( ) **CITE UM PRODUTO QUE VOCÊ CONHECE QUE NÃO É USADO EM ANIMAIS:** \_\_\_\_\_.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A partir desses questionários, obtivemos as seguintes tabulações de dados, como se segue:

Figura 2 - Tabulação dos resultados obtidos

(continua)

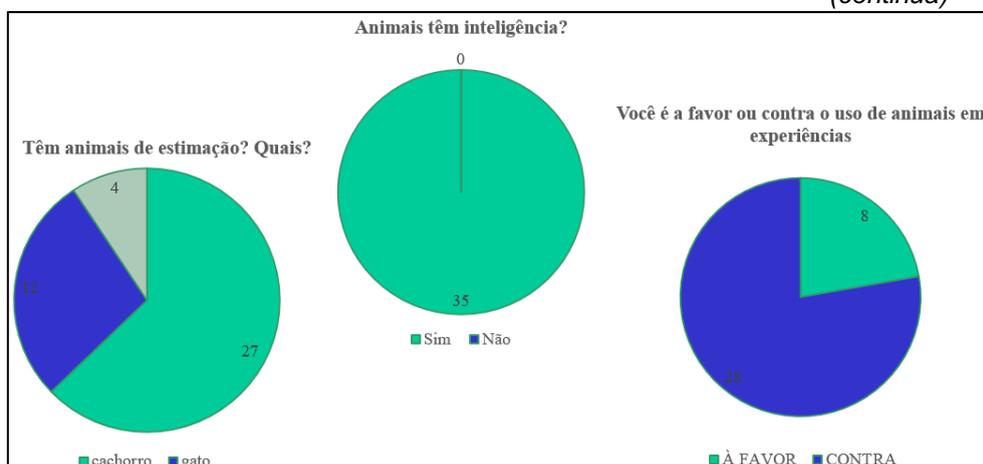


Figura 2 - Tabulação dos resultados obtidos

(continua)

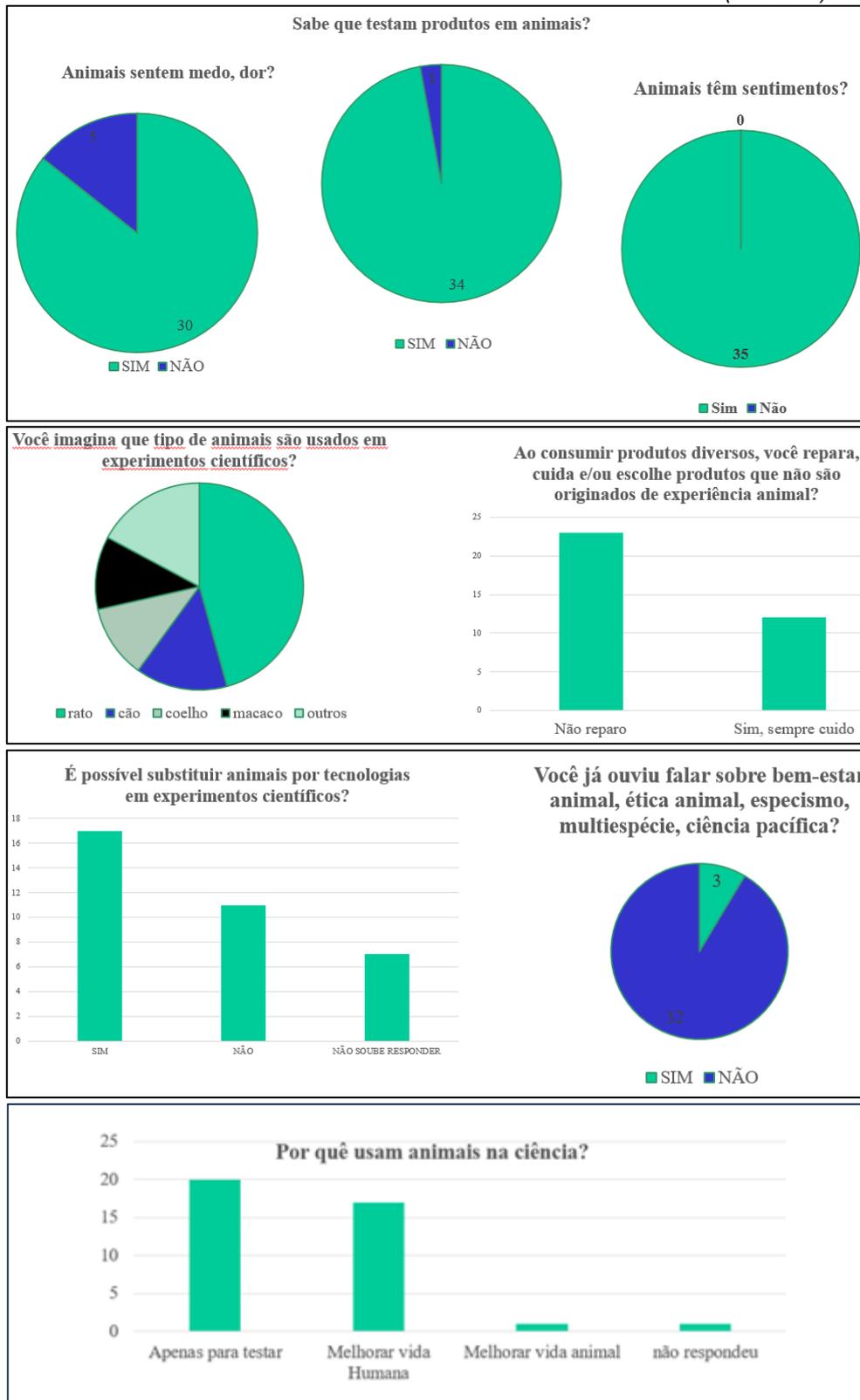
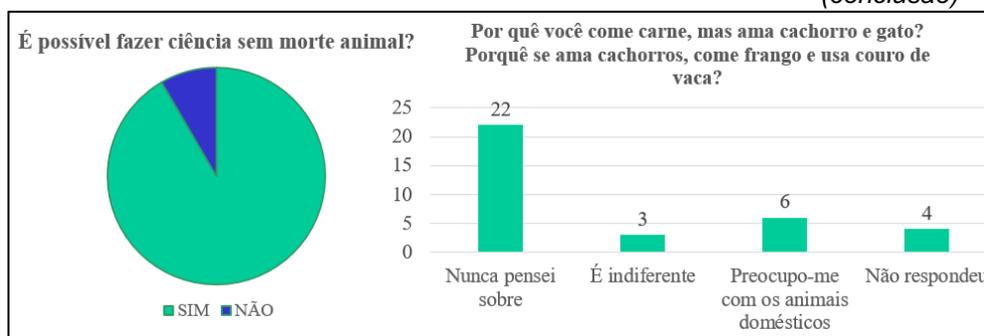


Figura 2 - Tabulação dos resultados obtidos  
(conclusão)



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A partir desta tabulação, iniciou-se uma nova etapa que visou desenvolver habilidades de questionamento e inferência acerca dos dados obtidos, como pode ser visto a seguir.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora houvesse razões Os resultados de nossa pesquisa não são conclusivos; ao contrário, ela desnuda uma temática crucial no seio de nossa sociedade contemporânea. A partir do que foi estudado em sala de aula, aliado aos questionários respondidos pelos participantes da pesquisa - que envolveu professores, funcionários e famílias dos alunos da turma - obtivemos alguns resultados. Esses resultados permitiram ao professor lançar indagações e inferências ao conjunto de sujeitos responsáveis pelo estudo, os estudantes, sobre as incongruências de concepções, cosmovisões, compreensões e hábitos culturais na perspectiva da relação humano-animal.

Nesse sentido, vale sempre ressaltar que atividades que envolvam a tentativa de introdução à pesquisa são permeadas de possibilidades e limites (Martins; Wingert, 2021). Isto é, para além do ensino de pesquisa na educação básica, via feira de ciência escolar, vale ressaltar sempre o caráter não conclusivo dos resultados obtidos acerca do objeto /

fenômeno estudado. Especificamente, nesse estudo realizado em ambiente escolar, os dados obtidos desnudam uma temática crucial no seio de nossa sociedade contemporânea, marcada por discursos e mentalidades antropocêntricas e de anti-ciência (Latour, 2020).

Portanto, introduziu-se a prática de organização, tabulação, categorização, análise, tratamento de dados, sistematização e, por fim, registro e formatação dos resultados para divulgação. Ou seja, criou-se contextos técnico-científicos de vivências experimentais do fazer científico com crianças ainda em idade escolar, as quais têm como cotidiano a aprendizagem do conjunto de obras da civilização, dos saberes e conhecimentos produzidos socialmente pelo conjunto da humanidade, acumulados historicamente e, legalmente, atribuídos à instituição escolar para promover a aprendizagem de conhecimento acumulado, objetivo último da educação, da pedagogia e da escola (Martins; Wingert, 2021; Saviani, 2011).

Quantitativamente, pode-se ver nos gráficos elaborados que, majoritariamente, os participantes se demonstraram receptivos à pesquisa. Foi aplicado o questionário a 40 participantes, dos quais 35 responderam e retornaram com o material respondido. Quanto aos dados, percebemos que:

- 100% dos entrevistados responderam que possuem animais de estimação;
- Dos 36 participantes, 27 possuem cães, 12 possuem gatos como animais de estimação, restando 4 com outros animais (coelhos, pássaros);
- Quanto ao bloco de perguntas acerca da “humanização animal, desanimalização”, 100% dos questionários dos participantes responderam que animais possuem inteligência, sentimentos, sentem medo, dor...;
- Quanto à questão pontual se acreditam que animais têm alma, 29 responderam que sim, 5 responderam não e 1 participante não soube responder;
- Das 35 respostas, apenas 1 participante não sabia que animais são usados em testes científicos;
- Ao serem perguntadas sobre as finalidades do uso de animais em experimentos, 15 responderam que é para “melhoria da vida humana”, 19 acreditam que há uso de animais apenas “para testagens” e 1 pessoa respondeu que é para “melhoria da vida animal”;
- Quanto ao uso de animais na ciência, 8 responderam ser “a favor” e 27 responderam ser “contra” o uso de animais em experimentos científicos;
- Quanto aos tipos de animais utilizados, 20 responderam ser ratos; 5 acham que são macacos, 4 consideram coelhos, 1 respondeu que são cães, e 5 pessoas responderam outros animais exóticos.
- Sobre a possibilidade de substituição animal em experimentos, 27 responderam que “sim”, 5 responderam que “não” é possível, e 3 não responderam;
- A questão sobre comprar (ou não) produtos originados de experimento animal, 23 pessoas responderam que reparam, e 12 responderam que não reparam se a marca faz testagem em animais;
- Quanto à questão acerca de saber (ou não) o que significam os termos: bem-estar animal, ética animal, ciência multiespécie, especismo..., 32 pessoas responderam não saber do que se trata. Apenas 3 responderam saber o que é;
- Quanto à questão de é possível fazer ciência pacífica (sem uso de animais), 32 pessoas responderam que “sim” e 3 responderam que “não” é possível realizar ciência sem experimentação animal;
- Sobre a substituição de animais por tecnologias e outros modos/formas de testagem, 17 responderam que “sim”, 11 responderam que “não” e 7 não souberam responder se é possível substituir animais por “tecnologias sintéticas, algas, fungos, células-tronco in vitro...”;
- Ao serem perguntados sobre o consumo, uso e afeto por determinados tipos de animais, 22 responderam “nunca ter pensado sobre o assunto”, 3 foram indiferentes quanto à questão, 6 se dizem preocupados com animais

domésticos apenas, e 4 participantes não responderam.

- A partir dessas constatações, percebe-se a importância e relevância que tomou nossa pesquisa, uma vez que ela atravessa as diferentes camadas socioculturais e econômicas da sociedade, reverberando e influenciando nosso cotidiano e, em especial, o fazer científico, o qual iniciado em ambiente escolar e se estende às condições epistemológicas dos contextos de ponta (universidades, centros de pesquisas...).

Além disso, a turma descobriu que, mesmo havendo uma lei que proteja os animais (Lei Arouca<sup>4</sup>), ainda há muitos maus-tratos no cotidiano das indústrias que fazem uso de animais (cosméticos, farmacêuticos...) (Souza, 2013). No entanto, evidenciou-se que, majoritariamente, os participantes desta pesquisa (alunos e entrevistados) acreditam que a ciência contribui e deve ser usada para o bem-estar do planeta.

Ademais, percebeu-se que as cosmovisões, entendimentos e práticas especialistas antropocêntricas têm suas raízes e origem no seio das dinâmicas culturais urbanas. Os participantes dessa pesquisa também não compreendiam nem refletiam sobre a indagação “como podiam comer carne de animal abatido, mas amavam só cães e gatos?”.

Finalmente, a turma percebeu que é possível existir uma resposta para nossa pergunta-problema da pesquisa realizada.

Contudo, começam a vislumbrar processos reflexivos maturados de que, embora acreditem e queiram que não se use mais animais na ciência (portanto, fazer ciência pacífica, sem morte animal), há argumentos para que se utilize outras tecnologias (*in vitro*, robôs etc.). Ainda há determinados segmentos e áreas técnicas e científicas em que o uso de animais é o único recurso, não havendo possibilidade de substituição por células-tronco, objetos sintéticos ou seres de outros reinos que não possuem sistemas complexos sencientes<sup>5</sup>. Em uma frase, temos aqui um estudo com resultados não conclusivos.

## 5 CONCLUSÃO

A partir dessas constatações, percebe-se a importância e relevância que tomou nossa pesquisa, uma vez que ela atravessa as diferentes camadas socioculturais e econômicas da sociedade, reverberando e influenciando nosso cotidiano e, em especial, o fazer científico, o qual é iniciado em ambiente escolar e se estende às condições epistemológicas dos contextos de ponta (universidades, centros de pesquisas...).

Ademais, foi possível perceber que as cosmovisões, entendimentos e práticas especialistas antropocêntricas têm suas raízes e origem no seio das dinâmicas culturais. As crianças pesquisadoras, em idade de 9 e 10 anos, demonstraram estarrecidas a cada momento de estudo e etapas da pesquisa realizadas, uma vez que não compreendiam “como podiam comer carne de animal abatido, mas amavam só cães e gatos”.

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma Lei sancionada em 09/10/08, a qual buscava estabelecer “procedimentos para o uso científico de animais”. Conferir em: <https://legis.senado.leg.br/norma/582216>.

<sup>5</sup> Quanto a essa questão, no seio dessa discussão, há um forte debate acerca da interpretação vigente, historicamente, acerca da ciência, no ocidente principalmente, tomar como ponto de partida de entendimento do cosmos, o próprio ser humano. Delegando a uma classe inferior tudo o que não pertence ou se classifica dentro do chamado “reino animal”. Para maiores discussões acerca do mundo vegetal e sua complexa rede de vida. Sugere-se os estudos atuais de Stefano Mancuso (2019; 2021; 2022; 2023).

Finalmente, percebeu-se que a pergunta-problema da pesquisa empreendida logrou satisfatoriamente possíveis inferências e nuances acerca desse fenômeno ocorrido nas últimas décadas, no contexto das classes médias, letradas urbanas das grandes metrópoles. No entanto, fica claro que um fazer científico pacifista (sem morte e uso de animais) (portanto, fazer ciência pacífica, sem morte animal), e com argumentos para utilizar outras tecnologias (*in vitro*, robôs etc.) ainda não possui uma resposta conclusiva para o fim do uso de animais na ciência.

## REFERÊNCIAS

- BEVILAQUA, C.; VELDEN, F. V. **Parentes, vítimas, sujeitos:** perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. São Paulo: Edufscar; 2016.
- CADERNOS Técnicos de Veterinária e Zootecnia, Belo Horizonte, n. 67, dez. 2012. [Visualizar item](#)
- DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 13-45, 1998. [Visualizar item](#)
- DIGARD, J-P. A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. **Anuário antropológico**, Brasília, DF, v. 37, n. 2, p. 205-223, 2012. [Visualizar item](#)
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo:** ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, [1991]. [Visualizar item](#)
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa *versus* sistemática. **Rev. Min. Enferm.**, Belo Horizonte, v. 18, n.1, p. 9-11, jan./mar. 2014. [Visualizar item](#)
- FROEHLICH, G. Trabalhar os animais, trabalhar com os animais: reflexões etnográficas sobre bem-estar animal em fazendas de criação de gado de corte **R@U**, São Carlos, SP, v. 5, n. 1, p. 108-125, jan./jun. 2015. [Visualizar item](#)
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOMES, J. H. S. **Outridade, conflito e governo:** controvérsias públicas acerca da prática sacrificial afro-brasileira (Rio Grande do Sul, 2015/2016). 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- HARAWAY, D. **When species meet**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2008.
- HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 27-64, 2011. [Visualizar item](#)
- INGOLD, T. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 30-53, 1994. [Visualizar item](#)
- KOHLER, F. Antropologia e etologia: uma abordagem conceitual. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlo, SP, v. 5, n. 1, p. 170-192, jan./jun. 2015. [Visualizar item](#)
- KULICK, D. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 481-508, 2009. [Visualizar item](#)
- LATOUR, B. **Onde aterrar?:** como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEACH, E. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DAMATTA, R. (org.). **Edmund Leach**. São Paulo: Ática, 1983. p. 170-198.

LEACH, E. Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n 1, p. 31-56, abr. 2000. [Visualizar item](#)

LEVI-STRAUSS, C. **Totemismo hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

LEVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEVI-STRAUSS, C.; GOUCH, K.; SPIRO, M. **A família**: origem e evolução. Porto Alegre: Editora Villa Martha, 1980.

LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L. O. Domesticando o humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Illa Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 75-100, 2015. [Visualizar item](#)

LEWGOY, B.; SEGATA, J. A persistência da exceção humana. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 49, p. 155-164, 2017. [Visualizar item](#)

MARTINS, J. F.; WINGERT, V. D. Kuchiosy No Jutsu: a relação humano-animal no animê Naruto. In: BUENO, Andre *et al.* (org.). **Extremos Orientes**. União da Vitória: Sobre Ontens? LAPHIS/UNESPAR, 2018. v. 1, p. 175-190.

MARTINS, J. F.; WINGERT, V. D. Feira de ciências escolar: desafios, limites e possibilidades concretas. In: SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO - SPG, 14., 2021. **Anais** [...]. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2021. p. 1384-1394

MARTINS, J. F.; WINGERT, V. D.; RAMBO, J. R. Espiritualidade Animal: um estudo antropológico introdutório sobre a relação humano-animal. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO – SPG, 13., 2020. **Anais** [...]. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020. p. 2759-2769.

NACONECY, C. **Ética e animais**: um guia de argumentação. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

OSÓRIO, A. Humanidade e não-humanidade: notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 4., 2011, Campos dos Goytacazes. **Anais** [...]. Campos dos Goytacazes: Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, 2011. p. 1-17. [Visualizar item](#)

OSÓRIO, A. Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação. In: BEVILAQUA, C. B.; VANDER VELDEN, F. (org.). **Parentes, vítimas, sujeitos**: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos: Ed. UFSCar, 2016. p. 53-75.

PASTORI, E. O.; MATOS, L. G. “Da paixão à ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação.  **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015. [Visualizar item](#)

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SORDI, C. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, RS, ano 9, n. 147, 2011. [Visualizar item](#)

SOUZA, I. M. A. Vidas experimentais: humanos e roedores no laboratório. **Etnográfica**, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 241-268, 2013. [Visualizar item](#)

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. [Visualizar item](#)

WINGERT, V. D.; MARTINS, J. F. A menina e a mosca: uma análise sobre a construção do estereótipo chinês e relação humano-animal. *In*: BUENO, Andre *et al.* (org.). **Extremos Orientes**. União da Vitória: Sobre Ontens? LAPHIS/UNESPAR, 2018. v. 1, p. 1-430.

**Recebido em: 21/11/2023**

**Aceito em: 05/12/2023**